

DANÇAS AFRO: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS NEGRA-DANÇANTES

JULIANA DE MORAES COELHO¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²

Universidade Federal de Pelotas jufridacoelho@gmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas thiagofolclore@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

A dança foi uma das primeiras formas de expressão do ser humano no mundo, contribuindo para o reconhecimento de uma cultura por meio do movimento e possibilitando o encontro do homem com a sua própria história e constituição. No processo de formação identitária, o reconhecimento da corporeidade negra e sua valorização, significam fator de consolidação de uma identidade negra (GOMES, 2009). Neste sentido, entendemos que a prática de dança pode ser reconhecida pela grande importância que tem, contribuindo para a (trans)formação da identidade de seus praticantes.

Ao falar de dança, reporto-me para minhas experiências em Danças Afro, a partir das vivências como bailarina e professora, reconhecendo, assim, percepções e provocações que surgiram neste meu caminho dançante. É neste fazer artístico que encontro suporte pedagógico para subsidiar minhas práticas docentes, concebendo a Dança Afro como um conteúdo que implica, entre outras coisas, o amplo debate sobre a cultura afro-brasileira.

O presente texto representa um recorte do Projeto de Dissertação de Mestrado, desenvolvido atualmente no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel, na Linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, e integra o Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq). O objetivo principal do estudo é refletir, a partir da articulação com as experiências da autora enquanto professora-artista-pesquisadora-negra, sobre a relação entre as vivências com a Dança Afro e o processo de autoidentificação e empoderamento negro.

2. METODOLOGIA

Para desenvolver a pesquisa, está sendo utilizado o método da Autoetnografia, de forma que a autora é pesquisadora e também o sujeito/objeto do estudo. Conforme Fortin (2006) é caracterizada por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar a partir o interior e sensível de si. Logo, a escrita está relacionada com a minha história e se dá na primeira pessoa do singular, a partir de minha narrativa e conceitos que vão se articulando no texto. Metodologia que, para Ellis & Bochner (2000), permite o envolvimento do pesquisador, assim como a narrativa de seus pensamentos e suas opiniões reflexivas, diante do estudo em que está inserido.

São nos referenciais da cultura afro-brasileira, identidade negra, Dança Afro, corpo e estética negra, e muito a partir da voz do colonizado, que vou percorrendo a literatura, que tem alguns autores de referência: GADEA (2013), FERRAZ (2012), GOMES (2009), SOUZA (1983), SILVA (2013), SILVA JÚNIOR (2007).

O trabalho está em processo de escrita e prevê em seu cronograma uma coleta de dados que será realizada a partir de uma conversa com 4 sujeitos que fizeram parte desta trajetória dançante. Esta conversa será realizada por duplas, onde ficou dividido uma conversa inicial com duas bailarinas, as quais tive contato dançando em diferentes épocas e grupos, posteriormente, uma segunda conversa com outra

dupla, duas ex-bailarinas e professoras da rede municipal de ensino, ambas já trabalharam e/ou trabalham com Dança Afro na escola. Tal etapa será realizada no segundo semestre de 2018.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

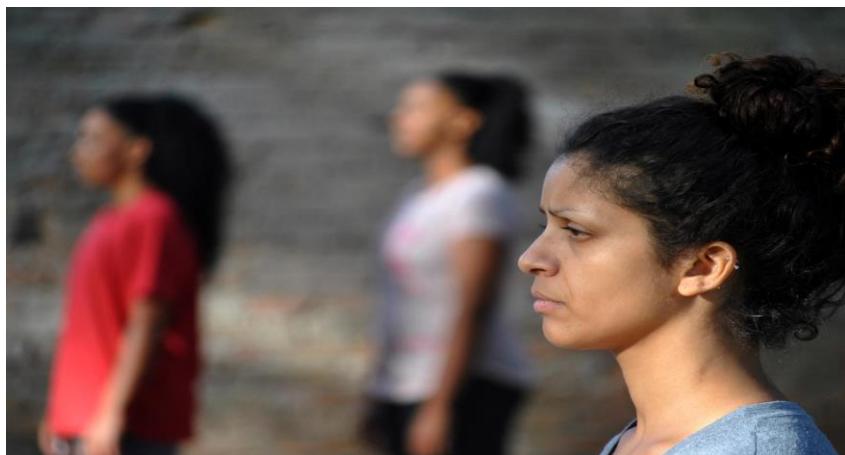
Ao falar sobre Danças Afro, percorro minhas memórias e problematizo essas práticas que me potencializam e empoderam minha identidade negra e que, ao mesmo tempo, me possibilitam transitar no meu fazer artístico, enquanto bailarina de Danças Afro e professora da educação básica que utiliza a Dança Afro como um meio de produzir conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira e fomentar estas reflexões no campo escolar.

São elementos na prática da Dança Afro, os movimentos específicos da dança, os sons relacionados aos tambores, os objetos por vezes utilizados, sempre com representatividade e significados para a cultura afro e especificamente para a religião afro. Foram estes e outros dispositivos que acrescentaram novos saberes, acredito que foram despertando em mim, e em meus colegas de dança, tanto negros, como brancos, novos conhecimentos em relação a dança e os saberes desenvolvidos sobre África, ou melhor, sobre aquilo que já está instalado no Brasil, haja visto que essa dança, já faz parte daquilo que é nosso, ganharam nossas formas, influências e características daqui, logo são as Danças Afro-brasileiras.

Todas as experiências dialogam entre si. Inicialmente são dançantes e despretenciosas de problematizações e aprofundamentos sobre estas práticas. Mais tarde estas experiências convergem e refletem também em minha prática docente, bem como, são resultados se é que posso falar assim, de uma prática de vida, na busca por conhecimentos que perpassam minha condição de mulher negra que por meio da dança se auto-identifica e afirma sua identidade negra. O que conforme, Santos (1983) é o tornar-se negra, e aqui no presente texto me possibilita utilizar e me referir a Dança Afro e suas práticas, como esta forma de sentir-me potencializada e logo, tornando-me mais negra.

Vivenciar a Dança Afro é para mim, além de um prazer, uma forma de vida. Quando iniciei estas práticas no Clube Cultural Fica Ahí lá no ano de 2002-2003, não imaginava que mais tarde se tornariam tão importantes formas de representação de uma cultura tão pouco conhecida. Esta prática tem continuidade nos trabalhos desenvolvidos na Companhia de Dança Afro Daniel Amaro e na Abambaé Companhia de Danças Brasileiras, esta última que embora tenha as danças populares brasileiras no seu principal viés, tem a influência e o fazer afro em grande parte de seu repertório. Além disso é um fazer político, conforme Ferraz (2012) um fazer norteado por uma etnia, que traz no seu cerne a afirmação e a identidade da cultura negra. No fazer da dança, contamos histórias, disseminamos estes saberes, trazemos pontos importantes da cultura negra.

Fazer Dança Afro, especialmente no Rio Grande do Sul, é estar em contato com a nossa ancestralidade, é produzir resistência, é buscar suporte e saberes em um passado que é negro, e em um presente que por vezes parece renegar o seu passado. Pelotas é negra, com seu passado charqueador e escravocrata, que deixou na cidade muitas pegadas e dolorosas marcas de uma riqueza que é vista nos casarões e praças, e que foram feitas por mãos negras hoje invisibilizadas. Desde o início do meu percurso nas Danças Afro, sempre tive a plena certeza que dançar o Afro, é (re)xistir, é lutar contra o preconceito cotidianamente, é lidar com os estereótipos e julgamentos do dia-a-dia.



Laboratório do Espetáculo “Rio de Sangue” – Foto: Neco Tavares

Na imagem acima, destaco a concentração em um ensaio do Espetáculo “Rio de Sangue”, que foi realizado na Charqueada São João, mais precisamente na frente da antiga senzala. Em todas estas vivências, presenciei momentos de aprendizado, mediante tristezas, conquistas, conhecimentos e afirmações destas histórias negras de luta. Impossível que estas experiências, e inúmeras outras que me possibilito experimentar, não sejam de certa forma uma interferência instigadora em minha formação, não somente como bailarina, mas como mulher negra e principalmente, professora que se forma permanentemente.

As Danças Afro estão presente em todos os momentos da minha vida, seja em minhas práticas, naquilo que eu observo no entorno, nas mídias e em minhas leituras. Dançar para mim, está para além do ato físico, o ato de me movimentar, está na minha filosofia de vida, está no que me move para os saberes que me interessam e que circundam o meu fazer diário. Nestes anos praticando as Danças Afro, posso afirmar que esta dança me empodera, me faz forte para representar a identidade negra, nossas ancestralidades, e por meio do movimento levar não somente os gestuais específicos, mas também conhecimento, exaltação e preservação da cultura negra.

A dança permite ao negro conhecer e (re)afirmar sua identidade, da qual pouco se conhece e se é falado nos diferentes espaços de formação, entre eles a escola. Assim, percebo a dança como forma de encontro entre o corpo negro e a constituição da identidade (SILVEIRA et. al., 2011), são nestas práticas que a corporeidade vem à tona e é (re)conhecida.

Os pés no chão, o contato com a terra, a flexão dos joelhos, o movimento dos quadris, movimentos simultâneos de muitas partes do corpo, a sinuosidade do tronco, movimentos de ondulação em diálogo com o toque tambor... são as poéticas que me fazem (auto)reconhecer neste corpo e vivenciar diferentes sentimentos.

Este espaço de dançar é um grupo com mesmos ideais, conforme Gadea (2013), é um grupo de pertencimento, a manifestação de algo em comum, algo que está neste caso latente nos corpos, o que foi se tornando o meu caso. A dança inicialmente era algo despretensioso, ao passar dos anos foi potencializando minha identidade e a busca pelos conhecimentos da cultura afro-brasileira. Por isso digo que a Dança Afro é mais que uma prática corporal, está atrelada à busca pela valorização e disseminação cultura dos afro-brasileiros e de seu papel político.

4. CONCLUSÕES

A partir de minhas imersões nas memórias e revisitação em minhas experiências, percebo que ao dançar e ter contato com as poéticas da Dança Afro, que nada mais são que estas características que são proporcionadas pela prática e sensibilidade da dança em questão, fui sendo tocada por histórias, sons, movimentos que foram me empoderando e possibilitando que me (re)conhecesse e que pudesse compreender de onde realmente eu venho. Estas vivências potencializaram e empoderam minhas práticas, trazendo referenciais positivos sobre ser negra, permitindo acessar minhas memórias e ter orgulho desta(s) história(s) e meus antepassados.

Com a Autoetnografia, percebo que o sentido de autopercepção me levou para um olhar diferenciado no que tange dança-educação-identidade negra, e assim, fui desvelando coisas que estavam guardadas no íntimo das minhas práticas e aceitações, fui me redescobrindo, me empoderando e afirmado minha identidade negra, que logo também é algo que pude vislumbrar nos colegas que também partilhavam da prática da dança comigo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELLIS, C., BOCHNER, A. P. **Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject.** In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publication, 2000.

FERRAZ, Fernando Marques Camargo. **O fazer das danças afro:** investigando matrizes negras em movimento. 2012. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. São Paulo SP.

GADEA, Carlos, A. **Negritude e pós-africanidade:** críticas das relações raciais contemporâneas. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

GOMES, Nilma, L. **Identidades e Corporeidades Negras:** uma experiência com formação de professores(as) para diversidade étnico-racial, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e autoetnografia para a pesquisa prática na dança.** 2006. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>

SILVA. Eveline. **Cia de dança Afro Ewá – Dandaras:** um estudo sobre a corporeidade de jovens negras através da Dança Afro. Seminário Internacional Fazendo gênero – Desafios atuais do feminismo. Florianópolis. 2013.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço. **Mercedes Baptista:** a criação da identidade negra na dança. Brasília. DF. Fundação Cultural Palmares, 2007.

SILVEIRA, Paulo Roberto Cardoso da et al. **Identidade Negra em construção:** um estudo sobre o processo de identificação das jovens negras através da dança-afro. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)igualdades, Salvador/BA, 2011.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.